

Do barco para trás já são águas passadas

Walter Andrade Parreira

A *keobe*, a canoa, é uma peça única de madeira, um tronco de árvore muito bem trabalhado, é bonita, bicos muito finos e deve navegar ligeiro. Tawé acaba de ajeitar a carga: sal e mais alguma coisa que está levando da Missão, a nossa mochila, suas roupas.

Jeorokat e seu filho – de mais ou menos seis anos – vão na tábua da frente. Kika, Hiwero e eu, na do meio, que é mais larga. Tawé e os dois meninos de Hiwero, atrás. Jeorokat, com cerca de 21 anos, e Hiwero, aparentando uns 30, são os filhos de Tawé. A irmãzinha vem até o barco e com um jeito carinhoso nos entrega uma sacolinha de papel com nossa matula:

– Aí dentro tem também uma coisa que o frei mandou: as duas latas de sardinha... Vão com Deus, Deus os abençoe...

– Não tenha medo, D. Kika, parece que a água vai entrar, mas não vai. – Tawé tranqüiliza Kika, que olhava um pouco assustada para a beirada da canoa, que estava praticamente no mesmo nível da linha d'água do rio. O Gerson, as Irmãs, o frei, o sargento e mais os três ou quatro índios assistem a duas caras emocionadas e felizes darem adeus para eles.

Tawé governa atrás – ele é o leme do barco –, Jeorokat e Hiwero afundam os remos no barro, afastando as margens, e não param mais de remar. A canoa deixa o igarapé que passa perto do quintal da casa central e ganha as águas do Cururu. Eu não olho mais para trás, não sei se o pessoal ainda ficou lá para nos esperar desaparecer: há coisas demais à frente para ver e viver – do barco para trás já são águas passadas.